

/artigos

A Carta de Utopia: uma análise bioconservadora a partir do pensamento de Norberto Keppe

Leandro Alves da Silva

Universidade Federal do Paraná (UFPR)
<https://orcid.org/0009-0007-1656-3018>
leandroalvessilva@ufpr.br

Resumo: Este artigo tem como objetivo efetuar uma análise bioconservadora da Carta de Utopia (2008), de autoria de Nick Bostrom, tendo como fundamento teórico o pensamento de Norberto Keppe. O transumanismo é um movimento que defende a utilização das novas tecnologias (nanotecnologia, biotecnologia, ciência da informação e ciências cognitivas), para uma transformação da natureza humana. Dessa intervenção tecnológica surgiria uma nova espécie transumana (ou pós-humana), dotada de inteligência, empatia, saúde e longevidade superlativas. O filósofo da ciência Nick Bostrom redigiu uma Carta de Utopia, por meio da qual uma personagem transumana procura persuadir os humanos a concretizar a Utopia: um tipo de vida pleno de vitalidade, conhecimento e prazer. Mas, para isso acontecer, haveria três transformações para serem colocadas em prática: a) assegurar a vida; b) expandir a cognição; c) elevar o bem-estar. Diversamente do transumanismo, o psicanalista e filósofo brasileiro Norberto Keppe defende que o ser humano seria um ente espiritualizado, porém rejeitaria sua natureza por meio das seguintes atitudes: teomania, inveja, censura, projeção e inversão. A atitude de Keppe poderia ser considerada bioconservadora, pois tem uma visão otimista da natureza humana. A partir da Trilogia Analítica, seria possível identificar teomania, inveja e inversão em aspectos do transumanismo de Bostrom.

Palavras-chave: Transumanismo; Nick Bostrom; Utopia; Bioconservadorismo; Norberto Keppe.

Abstract: This paper aims to do a bioconservative analysis of Nick Bostrom's Letter from Utopia (2008), based on the thinking of Norberto Keppe. Transhumanism is a movement that advocates the use of new technologies (nano, bio, info, and cognitives) for the transformation of human nature. This technological intervention would give rise to a new transhuman (or post-human) species, endowed with superlative intelligence, empathy, health, and longevity. The philosopher of science Nick Bostrom wrote the Letter from Utopia, in which a transhuman character seeks to persuade humans to realize the Utopia: a kind of life full of vitality, knowledge, and pleasure. However, for this to happen, three transformations need to be put into practice: a) ensuring life; b) expanding cognition; c) elevating well-being. In contrast to transhumanism, Brazilian psychoanalyst and philosopher Norberto Keppe argues that the human being is a spiritual entity, but rejects his nature through the following attitudes: theomania, envy, censorship, projection, and inversion. Keppe's attitude could be considered bioconservative, because has an optimistic view of human nature. From the point of view of Trilogia Analitica (Analytical Trilogy), it would be possible to identify theomania, envy, and inversion in certain aspects of Bostrom's transhumanism.

Keywords: Transhumanism; Nick Bostrom; Utopia; Bioconservatism; Norberto Keppe.

1. INTRODUÇÃO

O transumanismo é um movimento, de caráter científico e filosófico, que defende a utilização sinérgica das novas tecnologias - de caráter nanotecnológico, biológico, informacional e cognitivo - para uma transformação da natureza humana. Na perspectiva desse movimento, seria possível modificar o corpo humano promovendo uma existência mais sana, potencializada no âmbito da cognição, aperfeiçoada no domínio das emoções e, sobretudo, libertada do envelhecimento e da morte (ASLA, 2020).

O termo transumanismo (derivado do inglês transhumanism) parece ter sido utilizado pela primeira vez pelo biólogo Julian Huxley, irmão de Aldous Huxley, na obra Religion without Revelation (1927). Utilizando esse termo, ele queria se referir

ao projeto de desenvolver uma humanidade melhor, tendo como ferramenta as novas tecnologias: o ser humano permanece humano, porém transcende a si mesmo, atualizando novas possibilidades para sua natureza (FAGGIONI, 2019).

A proposta transumanista não se contenta em utilizar a tecnologia para tornar o planeta mais amigável e favorável à existência humana, nem em desenvolver políticas e sociedades mais justas do que as atuais. O objetivo é muito mais ambicioso: a transformação do corpo humano, utilizando tecnologias para atuar no processo evolutivo. Essa intervenção teria, como seu apogeu, o surgimento de uma nova espécie transumana (ou pós-humana), composta por seres personalizados dotados de um grau superlativo de inteligência, empatia, saúde e longevidade (ASLA, 2020).

Trata-se, de fato, de movimento que procura concretizar as mais profundas aspirações da humanidade, superando todos os seus limites biológicos e retificando as imperfeições de sua natureza. Ele está fundamentado no fato de que nós - os humanos - não somos uma espécie puramente natural. A técnica faz parte de nosso modo de ser e nele a demarcação entre o natural e o artificial não é evidente. Foi graças à técnica que conseguimos garantir a nossa existência e reprodução: a linguagem, domínio do fogo, fabricação de instrumentos de caça, cozimento de alimentos, escrita, fabricação do vinho etc. (ASLA, 2020).

Dentre os reconhecidos precursores do movimento transumanista, podem ser apontados: David Hume, Julien de La Mettrie, Isaac Newton, Thomas Hobbes, Francis Bacon e Charles Darwin (precursores do racionalismo científico e do naturalismo), sem esquecermos de Friedrich Nietzsche e seu polêmico conceito de super-homem ou *übermensch*. E quanto às influências éticas do transumanismo, podem ser identificados: o utilitarismo, o pragmatismo e o liberalismo (PAN, 2017).

Considerando que o uso da técnica não é algo inequivocamente bom, eticamente positivo e invariavelmente desejável, o transumanismo se apresenta, além de movimento filosófico, também como um foro de discussão. Assim, mesmo com um projeto de ação transformadora da realidade, incluindo uma escatologia imanente baseada na ciência, reúne filósofos, acadêmicos e cientistas para discutir as possíveis

consequências e implicações de seu projeto. Em seus estudos e discussões, o otimismo hightech é salgado com cautela, de modo a produzir um contraponto entre as promessas ousadas da tecnologia e as observações e questionamentos da ética e do senso comum (ASLA, 2020).

Existe um pressuposto que é fundamental para o movimento transumanista: do ponto de vista evolutivo, nosso corpo está em estado de obsolescência, pois ele fazia parte de um habitat que já não é mais o nosso. Em um passado remoto, vivíamos em pequenos grupos como caçadores-coletores, abrigando-se precariamente. Hoje em dia, diversamente, o ambiente das cidades é majoritariamente artificial, impondo um estilo de vida acelerado, com pouco esforço físico e grande carga cognitiva, por conta do volume de informações, além de convivermos com estranhos sem qualquer parentesco. Diante dessas circunstâncias, nosso corpo, incluindo cognição e sentimentos, não está adaptado ao atual habitat urbano (ASLA, 2020).

Tomado genericamente, pode-se dizer que esse projeto preconiza quatro tipos de libertação, de modo a superar nossa obsolescência: a) morfológica; b) reprodutivo-sexual; c) cognitivo-moral; d) prorrogar, tanto quanto possível, a morte (ASLA, 2020).

O filósofo da ciência sueco Nick Bostrom é um dos mais importantes representantes do movimento transumanista contemporâneo, tendo publicado uma série de livros e artigos em defesa da intervenção tecnológica na evolução humana. Segundo a sua perspectiva, o transumanismo é uma forma específica de se pensar acerca do futuro, tendo como premissa o fato de que o ser humano ainda está em seu estágio inicial de desenvolvimento. Ele, como movimento cultural e intelectual, defende a possibilidade e a conveniência de aperfeiçoar a condição humana, utilizando-se a ferramenta da razão aplicada, ou seja, a aplicação tanto das tecnologias existentes (engenharia genética, tecnologia da informação etc.), quanto daquelas ainda em desenvolvimento (nanotecnologia molecular, inteligência artificial etc.). E, seu objetivo principal, é eliminar o envelhecimento e potencializar as capacidades intelectuais, físicas e psicológicas (BOSTROM, 2003).

Além disso, o transumanismo também pode ser entendido como a investigação acerca das ramificações, promessas e danos potenciais das tecnologias que permitirão ao ser humano superar suas limitações básicas, bem como das questões éticas que envolvem o desenvolvimento e uso dessas tecnologias (BOSTROM, 2003).

2. NICK BOSTROM E A CARTA DE UTOPIA

Dirigindo-se ao cidadão comum e evitando a linguagem técnica das ciências, Bostrom publicou uma Carta de Utopia, por meio da qual uma personagem transumana procura persuadir nós - os humanos - a acolher o projeto que culminará com o surgimento da *Utopia*¹, a saber, o tipo de vida que todos deveriam ter, plena de vitalidade, conhecimento e prazer. Ela procura descrever, tanto quanto permite a linguagem humana, o que pode ser um futuro de bem-aventurança perene. Talvez de forma deliberada, Bostrom não explora os aspectos argumentativos do discurso transumanista, o que sugere uma intenção de apelar aos anseios humanos mais básicos, evitando reflexões teóricas complicadas.

Mas para que o transumanismo seja uma realidade, de Bostrom aponta três transformações que precisamos aceitar e colocar em prática: a) assegurar a vida; b) expandir a cognição; c) elevar o bem-estar (BOSTROM, 2008).

Assegurar a vida, segundo Bostrom (2008), é assumir o controle dos processos biológicos que são a causa das doenças e da senescência. No futuro, será possível até migrar a mente para outro tipo de habitação mais durável. Enquanto isso, é importante melhorar o corpo e fazer recuar os riscos, além de preparar uma cópia de segurança em líquido de baixíssima temperatura, aguardando a produção de um novo “corpo” mais seguro.

¹ Segundo ANTONIO (2018), a palavra *utopia*, apesar de ser frequentemente utilizada em contextos pós e transumanistas, pode deslegitimar a discussão filosófica e científica acerca do tema, o qual nada possui de quimérico, fantasioso ou irrealizável. Considerando que *utopia* acaba adjetivando algo como impossível e delirante, não há como fazer uso desse termo sem implicitamente considerar o transumanismo como discurso irrealizável, como se toda a discussão acerca desse assunto se resumisse à ficção científica.

Quanto à expansão da cognição, os esforços devem se dirigir ao desenvolvimento exponencial das faculdades cerebrais, incluindo música, arte, humor, espiritualidade, matemática, narrativa etc. A capacidade de percepção sensorial deve aumentar (por exemplo, ouvir outras frequências) e o cérebro deve aumentar seu volume para potencializar o aprendizado, a memória e a reflexão (BROSTROM, 2008).

Finalmente, a elevação do bem-estar é permear de prazer e divertimento tudo o que se vive e faz na Utopia. Desse modo, o frio universo é agitado pela celebração da vida. Tal privilégio é direito inato de toda criatura, a despeito de ter-lhe sido negado por todos os tempos. Além da remoção dos eventos negativos que nos afligem, acrescenta-se um mandamento de organizar-se no sentido de liberar todo contentamento latente e mesmo desconhecido pela humanidade. De fato, há tanta beleza e alegria nesse novo estado que a linguagem não é capaz de descrever seu significado de forma adequada (BROSTROM, 2008).

Entretanto, o sofrimento ainda é uma semente plantada em nossa mente, de modo que é indispensável substituí-la pelo hábito do bem-estar, por meio da aplicação de habilidades e tecnologias avançadas para modificação do tecido neural. Essa reformatação é um trabalho que exige profundo cuidado, pois toda emoção tem sua função e uma “poda” equivocada pode ter consequências comprometedoras (BROSTROM, 2008).

A personagem transumana dá continuidade ao seu discurso acerca da Utopia, porém não explica como se deu a intervenção eticamente responsável sobre nossa natureza e como os avanços foram democratizados num contexto de desigualdade econômica. Nossa interlocutora afirma: “Não posso passar para você algum modelo da Utopia, nem cronograma ou roteiro. Tudo que lhe posso dar para você é a minha garantia de que há algo aqui, o potencial para uma vida muito melhor” (BOSTROM, 2008, p. 5, tradução nossa).

Há, de fato, um alerta de que nós devemos nos aproximar da luz com toda a cautela, sob pena de sermos queimados como as mariposas. Haverá obstáculos e desafios pelo caminho, sendo necessário estarmos atentos a qualquer circunstância

que nos coloque em situação de risco. Entretanto, todo problema tem a respectiva solução e as ferramentas necessárias já estão disponíveis, cabendo a nós colocar em operação o que temos de melhor na ciência, tecnologia e política (BROSTROM, 2008).

De certo modo, o caráter vago dessas sugestões prejudica a consistência da carta, como se a personagem tivesse sofrido algum tipo de esquecimento, a despeito de sua capacidade cognitiva extraordinária. Tratando-se de um texto literário, não seria equivocado descrever, mesmo que de forma ficcional, como se deu o processo de evolução e o uso prudente dos recursos tecnológicos.

Seja como for, a Carta da Utopia chega ao seu termo com alguns lemas bastante icônicos, quase como um manifesto da vida em Utopia:

O que é Tragédia em Utopia? Há tragédia no derretimento do Sr. Boneco de Neve. Assassinatos em massa, descobrimos, não são necessários.

(...) O que é Sofrimento em Utopia? Sofrimento é o rastro salgado deixado nas bochechas daqueles que estavam por aqui antes.

(...) O que é Corpo em Utopia? Corpo é um par de pernas, um par de braços, um tronco e uma cabeça, todos feitos de carne. Ou não, dependendo do caso.

O que é Sociedade em Utopia? Sociedade é uma tapeçaria jamais finalizada, seus tecelões são iguais aos seus fios; as partes e padrões são uma fonte inesgotável de beleza.

O que é Morte em Utopia? Morte é a escuridão que envolve toda a vida; e é nossa culpa por não termos criado a Utopia tão logo fosse possível por nós (BOSTROM, 2008, pp. 06-07, tradução nossa).

3. CRÍTICAS PRELIMINARES

Antes de prosseguirmos, é importante apontar que algumas dificuldades, na apologia de Bostrom, podem ser levantadas por meio do senso comum: a) o suspeito otimismo acerca de um futuro utópico e, por consequência, a emulação do discurso religioso²; b) a falta de uma discussão concreta acerca dos aspectos negativos do

² Segundo PAN (2017), o pós-humanismo seria uma utopia tecno-científica, ou ainda uma religião do progresso científico.

transumanismo; c) a falta de clareza quanto à democratização dos avanços científicos que, supostamente, vão revolucionar a sociedade.

De modo semelhante, M. Asla (2020) sintetiza as críticas em três tipos: 1) as que têm como pressuposto a defesa da natureza humana (denominada posição bioconservadora)³; 2) o risco de aprofundar as desigualdades sociais; 3) a dificuldade de avaliar de forma adequada um futuro utópico permeado de incertezas.

Bostrom (2003) acolhe parcialmente a crítica do item “a”, reconhecendo que, apesar do transumanismo não ser uma religião, ele pode desempenhar algumas funções que são tradicionalmente atribuídas às religiões. Por exemplo, ele pode oferecer propósito à existência e uma visão acerca dos potenciais que a humanidade pode alcançar. Além disso, se propõe a discutir o tempo de vida estendido, a felicidade duradoura e a inteligência expandida como hipóteses realizáveis no futuro. Porém, diversamente da religião, o transumanismo busca concretizar essas possibilidades no mundo atual, sem aguardar a atuação de poderes sobrenaturais ou intervenções divinas. Seu fundamento é o empirismo e o pensamento racional, por meio do desenvolvimento científico, tecnológico, econômico e humano.

Quanto à objeção do item “b”, Bostrom (2003) explica que, para o transumanismo, as condições da humanidade melhoram se as condições do indivíduo, em si considerado, melhoram. Na prática, os adultos são aqueles que, frequentemente, são capazes de julgar o que é melhor para suas próprias vidas. Logo, o transumanismo é um efetivo defensor da liberdade individual, com destaque para o direito de utilizar tecnologias para potencializar suas capacidades físicas e mentais, melhorando o controle individual da vida.

Em resposta ao item “c”, Bostrom (2003) aponta, com certa razão, que as novas tecnologias se tornam cada vez mais baratas e acessíveis à medida que o tempo

³ O bioconservadorismo é, fundamentalmente, a defesa da continuidade de uma ontológica natureza humana, de modo que, do ponto de vista moral e político, se rejeita a utilização de tecnologias e engenharia genética para trazer à existência um ente pós-humano. Dentre os bioconservadores mais destacados, podem ser citados: Francis Fukuyama, Jürgen Habermas e Michael Sandel (PONA; TESHIMA, 2015).

passa. Por exemplo, no caso de procedimentos médicos, aqueles que ainda são experimentais estão disponíveis apenas para finalidades de pesquisa ou para os ricos. Mas, na medida em que esses mesmos procedimentos se tornam rotineiros, os custos caem e mais pessoas passam a ter acesso a eles. Ainda que consideremos a situação dos países mais pobres, milhões de pessoas têm se beneficiado de vacinas e antibióticos.

No caso dos dispositivos tecnológicos, a situação é semelhante, pois computadores e outros aparelhos têm seus preços drasticamente reduzidos na medida em que novos modelos são introduzidos no mercado (BOSTROM, 2003).

Analisado isoladamente, o discurso de Bostrom é digno de consideração. Porém, na prática, a biotecnologia e a biomedicina têm se utilizado de experiências no mínimo polêmicas: o desenvolvimento de quimeras (GOLDIM, 2004), a manipulação genética de vírus com ganho de função (SALZBERG, 2022), a obtenção de células-tronco com descarte de embriões (HYUN, 2010) etc. Nesses exemplos, há implicações éticas para toda a comunidade, além de frequentemente demandar aportes significativos de recursos públicos (PAN, 2017).

Adicionalmente, no caso de cirurgias que demandam expertise profissional e aparelhos de alto custo, a população em geral, diante de valores proibitivos, depende exclusivamente da saúde pública e gratuita, ou serão inapelavelmente privados das respectivas terapias. E pensando possíveis downloads de mentes, transplantes cerebrais, implantes cyborg, terapias genéticas, reproduções assistidas e preservações criogênicas, a realidade atual é a de que tais intervenções podem ser até mais caras do que as cirurgias tradicionais, pressionando ainda mais os sistemas públicos de saúde.

Bostrom (2019) defende o transumanismo explicando que ele não implica otimismo tecnológico. Apesar do incrível potencial benéfico das futuras tecnologias, elas também podem ser utilizadas de forma errada para causar enorme dano à comunidade, chegando até o limite da extinção da humanidade. Além disso, são perigos reais o aprofundamento das desigualdades sociais e a degradação das relações

humanas e do meio ambiente, frutos de uma busca descuidada por acumular riquezas. Efetivamente, os transumanistas apontam que tais perigos precisam ser levados a sério como consequências potenciais do uso das tecnologias.

Diante desse debate público, é conveniente que essas questões sejam aprofundadas, por meio de referenciais teóricos adequados. Bostrom (2008) nos esclarece, na Carta de Utopia, que o transumanismo, como reconfiguração física por meio da tecnologia, não envolve questões teológicas ou políticas. Na verdade, os pressupostos da Utopia são o pensamento racional e o empirismo, aplicados no desenvolvimento continuado da ciência, tecnologia e economia (BOSTROM, 2003).

Se esse segundo princípio for entendido aqui como o empirismo lógico e sua visão de mundo unitária e imanente, então ele tem por meta lançar fora o “entulho” sem sentido da metafísica e da teologia (CARNAP; HAHN; NEURATH, 1986). É muito curioso, todavia, o fato de ser apresentada, na Carta de Utopia, uma limitação da capacidade extensional da linguagem para descrever o mundo transumano. Sob certo aspecto, isso faz com que o discurso transumanista trate do inefável e do metafísico, indo contra seu princípio empirista e racional.

Eis o que afirma a personagem transumana de Bostrom:

Estou evocando a lembrança do seu melhor momento - por quê? Na esperança de despertar em você o desejo de compartilhar a minha felicidade. No entanto, o que você teve no seu melhor momento é apenas uma centelha chamativa, no máximo. Não se compara ao que eu tenho. Não mais próximo do que a palavra "sol" escrita com tinta amarela está do sol real. Pois estou além das palavras e da imaginação (BOSTROM, 2008, p. 2, tradução nossa).

Mas, afinal, qual será nossa atitude diante dessas promessas? O que nos define, efetivamente, como humanos? Qual o limite no qual podemos nos aperfeiçoar e, ainda assim, nos reconhecermos no produto final dessa modificação? Quais são os custos e riscos dessa transformação artificial que podem ser aceitos de modo razoável? Vale a pena esse esforço para perenizar numa espécie tão frágil, finita e imperfeita? (ASLA, 2020).

Neste estudo, especificamente, optou-se por uma análise bioconservadora da Carta de Utopia, ou seja, que valoriza a existência genuinamente humana. Para isso, foi utilizado como contraponto teórico o pensamento do psicanalista e filósofo Norberto E. Keppe. Em suas obras, o estudioso brasileiro sugere uma unificação da ciência, filosofia e espiritualidade, denominada Trilogia Analítica, de modo a compreender o ser humano de forma holística, ou seja, sem efetuar a separação entre sentimento, pensamento e ação (PACHECO, 2001).

4. UMA ANÁLISE BIOCONSERVADORA A PARTIR DO PENSAMENTO DE NORBERTO KEPPE

Norberto Keppe defende, em várias de suas obras, que o ser humano é um ente espiritualizado, ligado ao Criador, porém rejeita sua natureza por meio das seguintes atitudes patológicas: teomania, inveja, censura, projeção e inversão. São elas que, em última instância, são a causa das psicopatologias (LIMA, 2020).

A teomania acontece quando acalentamos em nosso interior a mania de grandeza em querer ser Deus, incluindo os vícios da empáfia e da soberba (LIMA, 2020). Infelizmente, é uma mania que está presente em toda nossa civilização:

Desde que nascemos temos a extrema pretensão de criar uma nova realidade, um novo universo, onde imperaríamos como deuses, substituindo tudo o que existe, pelo nosso devaneio. Assim, chegamos a pensar ser possível viver conforme a fantasia que idealizamos – a tal ponto que chegamos a assumir a figura de um personagem passado, mas sempre de uma grande figura: Napoleão, Luiz XV, ou melhor ainda, Jesus Cristo, ou o próprio Deus de preferência. E esta soberba é a causa de nossa psicopatologia tão desejada e venerada pelos homens (KEPPE, 2017b, p. 9).

A inveja é entendida, no seu sentido comum, como sentimento de cobiçar aquilo que o outro possui, mas Keppe nos propõe um sentido complementar: a recusa⁴ em ver o que existe, o que é, na sua essência, bom, belo e verdadeiro na realidade. É a atitude na qual se deseja eliminar o bem que existe na própria existência e na dos outros (PACHECO, 2001):

Parece incrível, mas a psicopatologia é principalmente o resultado do “esforço” que fazemos para não querer ver. A vida está aí à nossa frente e em nosso interior; ela explode para todos os lados, conduz-nos à glória, à realização – e colocamos-lhes todos os empecilhos possíveis e imaginários (KEPPE, 2017b, p. 11).

Censura e projeção são atitudes conexas. Preliminarmente, a pessoa recusa perceber suas atitudes de teomania e inveja (censura da consciência). E após evitar a consciência de seus próprios problemas, o indivíduo projeta suas falhas nos outros e até mesmo em coisas. Nesse mecanismo de fuga à consciência das próprias ações, tanto vícios existentes quanto virtudes negligenciadas são projetadas para o exterior. Trata-se, de fato, da causa básica dos conflitos humanos, pois, ao ver a própria falha no outro, terá a mesma atitude de censura ao ver o erro projetado (LIMA, 2020):

É de grande importância notar que censuramos a consciência e não o que fazemos. A censura é o ato de esconder, de evitar ver alguma coisa que nos desagrade – e o que fundamentalmente nos penaliza é admitir os erros que cometemos. Nossa megalomania não permite que aceitemos o baixo nível de intenções no qual decaímos, pelo motivo principal de ter querido desafiar o próprio Criador (KEPPE, 2017b, p. 202).

Finalmente, a inversão psicológica é a atitude na qual representamos tudo ao contrário em nossa mente: a fantasia é excelente e a realidade nociva; o amor é prejuízo e o ódio bem; a paciência é desgastante e a intolerância um grande progresso; a verdade é mentira e a falsidade verdadeira:

O que o ser humano aprecia mesmo é a realidade; ele pensa muitas vezes que prefere a fantasia, devido à inversão que faz — no entanto, sabe que, apesar de todo o seu engano, sua felicidade está na aceitação da verdade. O homem está ligado indefectivelmente à verdade, e só conseguirá relacionar-se bem com todas as coisas, na medida em que estiver bem entrosado com a sua própria realidade (KEPPE, 2017a, p.2).

⁴ Fazendo uma reflexão etimológica, Keppe aponta que, no latim, *invidere* significa não ver (PACHECO, 2001). Mais propriamente, o verbo *invideo* (contra/não + ver) tem como sentido olhar com ciúme, com “olho gordo”, com sentimento de inveja, recusar, negar, privar (DE MIGUEL, 1867).

Partindo dos conceitos propostos por Keppe, a atitude em Utopia poderia ser considerada invejosa, pois rejeita a realidade, considerando-a ruim, falsa e deformada: “O que é imperfeição em Utopia? Imperfeição é a medida do nosso amor pelas coisas como elas são (BOSTROM, 2008, p. 6, tradução nossa)”. Isso não seria sinal de sanidade, mas de psicopatologia.

Se analisada cuidadosamente, é possível verificar que a Carta de Utopia lança um olhar de expectativa para um mundo futuro extraordinariamente maior e legitimamente humano, como se nosso estado atual fosse algo ersatz, uma imitação de qualidade inferior: “A vida humana, no seu melhor momento, é maravilhosa. Eu estou solicitando que você crie algo maior: vida que é verdadeiramente humana” (BOSTROM, 2008, p. 7, tradução nossa).

Esse tipo de visão depreciativa da realidade pode ser classificado como rejeição da realidade, do que há de bom, belo e verdadeiro na essência do ser. Além disso, as expectativas de perfeccionismo, estabelecidas pelo transumanismo, podem ser mais um caso de teomania, o que em última instância se converterá em neurose. O ambiente será de intolerância com os próprios erros, cuja consequência será a auto e a hetero-punição. Além de não usufruir das coisas boas da vida, não permitirá que outros o façam (PACHECO, 2001).

Keppe aborda dessa forma o aspecto neurótico da rejeição da realidade:

A vida existe por si e também no homem; porém, ele tem outro elemento, a vontade, que pode deformar ou negar a verdade – quando aceita, conseguirá se realizar; negada, automaticamente, a beleza e a bondade não poderão florir – pelo menos, naquele indivíduo. E todo o chamado nervosismo do ser humano, é proveniente de sua recusa à verdadeira existência (KEPPE, 2017b, p. 51).

Efetivamente, a posição de Keppe pode ser considerada bioconservadora (a despeito do psicanalista brasileiro jamais ter utilizado esse termo), pois tem uma visão otimista e positiva da natureza humana, ou seja, o corpo humano não é algo obsoleto, limitado, carente de superações artificiais concretizadas pela tecnologia e pela ciência. Todavia, a Trilogia Analítica de Keppe não implica algum tipo de con-

formismo ou otimismo ingênuo. Ao contrário, o ser humano tem necessidade urgente de se interiorizar, especialmente por meio da psicoterapia psicanalítica, buscando sua essência (o bom, o belo e o verdadeiro) e se conscientizando de suas inversões.

As efetivas superações que devem ocorrer, segundo Keppe, são aquelas que partem do reconhecimento dos próprios equívocos para, a seguir, modificar a perspectiva pessoal acerca da vida (desinversão). O que se deve eliminar, de fato, são os conflitos e as condutas equivocadas, fruto de um distanciamento do próprio interior, quando alguém começa a procurar a si mesmo no mundo exterior, trocando a realidade interior por ilusões e delírios (LIMA apud GHOUGASSIAN, 2020).

Assim, na perspectiva da Trilogia Analítica, as mudanças nas patologias podem ocorrer a partir da eliminação da censura, de modo que sejamos capazes de olhar para nossas falhas, aceitarmos que elas existem (conscientização) e, finalmente, entrar em ação para caminhar no sentido inverso, ou seja, acolher a realidade como boa, bela e verdadeira (desinversão), não agredindo a nós mesmos nem ao nosso próximo (PACHECO, 2001).

O discurso transumanista, diversamente, aposta na concretização de um mundo melhor no qual os transumanos adquiram, por meio da intervenção tecnológica e científica, atributos divinos: existência sem limite, onisciência e bem-aventurança plena. Acerca da teomania transumanista, J. L. González Quirós expressa a seguinte preocupação:

Não é em vão que transformam a natureza em um universo plenamente tecnológico e o escondem por detrás de várias capas virtuais, dando lugar a um mundo que muitos consideram insolitamente humano, no qual nada parece impossível, pois os limites são rebaixados de maneira contínua e isso é um convite a não reprimir os desejos, a sentir-se como deuses, a considerar irrelevante qualquer coisa que não se possa entender, ou a manejá-la de qualquer maneira cobrindo-a de palavrório (QUIRÓS, 2019, p. 128, tradução nossa).

Talvez, a promessa transumanista seja, ao fim e ao cabo, uma grande fantasia, como nos informa J. L. González Quirós:

O desenvolvimento conjunto da ciência e da tecnologia nos tem acostumado com o inverossímil e com o impossível, e pode ser que essa fronteira entre o que é possível e aquilo que não é, uma vez ou outra, seja mal posicionada por nós, mas é excessivamente aventureiro dar por fato a sua inexistência (QUIRÓS, 2019, p. 131, tradução nossa).

E caso as expectativas finais do transumanismo sejam frustradas, de modo que assegurar a vida, expandir a cognição e elevar o bem-estar permaneçam como expectativas distantes, quem será responsabilizado pelo fracasso? Os transumanistas farão um exercício de interiorização e exame das próprias expectativas? Não seriam, talvez, devaneios teômanos? O caminho mais fácil será, efetivamente, responsabilizar a humanidade por seu atraso e fracasso em acolher a Utopia, isto é, a punição do outro em substituição à conscientização. Relembrando a analogia de Bostrom (2008): fomos convidados para a festa, porém rejeitamos sua realização. Ou utilizando uma metáfora do português brasileiro: “jogamos um balde de água fria” nas nossas mais acalentadas esperanças. Muito provavelmente, estarão os transumanistas praticando censura e projeção, evitando a conscientização de seus próprios equívocos.

Além disso, caso o planeta seja entregue ao governo dos (supostos) trans ou pós-humanos, o que irá nos acautelar da dominação de uma espécie que se entende mais “evoluída”? Há aqui um paradoxo, pois é justamente a conscientização das próprias limitações que facilita uma convivência mais cooperativa com o outro, valorizando-o como digno de respeito e consideração:

O que acontece é o seguinte: uma pessoa equilibrada conhece melhor a si mesma, e sabe que não tem tanta capacidade para dirigir a sociedade; enquanto o indivíduo desequilibrado não tem idéia de seus problemas e limitações, achando-se no direito de mandar e exigir dos outros, acreditando-se perfeito. Assim sendo, podemos afirmar com segurança, que só o louco consegue chegar ao poder — pelos menos, como está organizado (KEPPE, 1987, p. 49).

Uma lacuna bastante significativa nos valores transumanistas de Bostrom (2019) é a falta de definição de quem será a autoridade - seja científica ou política - para afirmar quem é mais evoluído e quem não é. Há sim uma menção à diversidade de espécies e ao cuidado do bem-estar de cada ser sensitivo. Mas parece bastante

inverossímil que os supostos transumanos aceitem uma direção compartilhada da sociedade, na medida em que sua capacidade cognitiva é exponencialmente superior.

Finalmente, por mais sinistro que isso possa parecer, a personagem transumanista da Carta da Utopia nada diz acerca da convivência entre seus concidadãos e os humanos, ou seja, aqueles que não aceitaram a metamorfose hightech. A inferência que podemos fazer é a de que, salvo argumento em contrário, na Utopia não há humanos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou efetuar uma análise bioconservadora da Carta da Utopia, utilizando como contraponto teórico a Trilogia Analítica, desenvolvida pelo filósofo e psicanalista N. Keppe. Esse tipo de exercício filosófico é de fundamental importância, pois apesar da tecnologia ter contribuído decisivamente para o bem-estar da humanidade, ela também inclui riscos, não só para nós, mas também para o meio ambiente.

É através do método dialético que o movimento transumanista poderá refletir sobre suas teses, pesá-las e até buscar reformulações que aperfeiçoem suas propostas. Seguindo-se esse caminho, será colocada em prática a orientação de Bostrom no sentido de se evitar o otimismo tecnológico. É muito fácil a empolgação nos arrebatarmos e não percebermos os riscos e perigos que se avizinham, incluindo o aprofundamento das desigualdades sociais, a degradação das relações humanas e do meio ambiente, a busca descuidada por riquezas etc.

Há de fato grandes expectativas depositadas na tecnologia, no que pode contribuir para conservar a vida e gerar bem-estar para a comunidade, mas tais potenciais devem ser atualizados passo a passo, envolvem questões éticas e não substituem o cuidado com a complexa psique humana. Isso sem contar os problemas econômicos e políticos, para os quais a tecnologia ainda está longe de dar respostas convincentes.

Os desafios são muitos e a tecnologia, na medida em que é uma construção humana e social, leva consigo o toque da provisoriedade e da incompletude. A partir de uma atitude bioconservadora, levando em conta o teste do tempo e adotando-se o princípio de precaução, talvez seja possível respeitar os avanços tecnológicos sem deixar de implementar um desenvolvimento humano ético e responsável⁵.

Muito provavelmente, será a partir da interiorização, da conscientização de seus próprios erros e censuras, que os transumanistas poderão refletir sobre os pontos negativos de suas propostas. Poderão aceitar a realidade, na sua essência, como boa, bela e verdadeira, mas reafirmando as grandes possibilidades da tecnologia como fruto da ação humana.

* * *

REFERÊNCIAS

ANDORNO, R. **Validez del principio de precaución como instrumento jurídico para la prevención y la gestión de riesgos**. In: ROMEO-CASABONA, C. (coord.). *Principio de Precaución, biotecnología y derecho*. Bilbao: Universidad Deusto/Comares, 2004, pp. 17-33. Disponível em: <<http://www.saij.gob.ar/roberto-andorno-validezprincipio-precaucion-como-instrumento-juridico-para-prevencion-gestion-riesgosdacf050060-2004/123456789-0abc-defg0600-50fca-nirtcod#>>. Acesso em 24 out 2023.

ANTONIO, K. F. **Transhumanismo e suas oscilações prometeico-fáusticas: tecnoapoteose na era da tecnociência demiúrgica**. Natal: PPGFIL, 2018.

ASLA, M. *Transhumanismo*. In: FRANCK, J. F.; SILVA, I.; VANNEY, C; E. (ed.). *Diccionario Interdisciplinar Austral*. Buenos Aires: Instituto de Filosofia Universidad Austral, 2020. Disponível em: <<http://dia.austral.edu.ar/Transhumanismo>>. Acesso em 16 abri 2023.

⁵ Segundo a explicação de ANDORNO (2004), a prática da precaução, sobretudo no âmbito político, é uma apreciação adequada das circunstâncias que compõem um caso, tendo como finalidade equilibrar duas posições extremas, a saber: de um lado, o temor irracional diante daquilo que é novo, simplesmente porque trata-se de uma novidade, e de outro uma irresponsável complacência com práticas e produtos cujas aplicações práticas são potencialmente nocivas para a saúde pública ou para o meio ambiente. Andorno cita, como exemplos de aplicação do princípio, os casos da reprodução assistida, da clonagem humana e das intervenções artificiais no genoma humano.

BOSTROM, N. **Letter from Utopia**. Studies in Ethics, Law, and Technology, Berkeley, v. 2, n° 1, 2008, pp. 1-7. Disponível em: <<http://www.fhi.ox.ac.uk/wp-content/uploads/letters-from-utopia.pdf>>. Acesso em: 16 abril 2023.

_____. **The transhumanist FAQ** (2003). Disponível em: <<http://www.transhumanism.org/resources/FAQv21.pdf>>. Acesso em 30 abr. 2023.

_____. **Valores transhumanistas**. Lima: Instituto de Extrapolítica y Transhumanismo, 2019. Disponível em: <<https://extrapolitica.ssh.org.pe/wp-content/uploads/2020/02/Bostrom-Nick-Valores-Transhumanistas-Instituto-de-Extrapol%C3%ADtica-y-Transhumanismo.pdf>>. Acesso em: 27 mai. 2023.

CARNAP, R.; HAHN, H.; NEURATH, O. **A concepção científica do mundo - o Círculo de Viena**. Cadernos de História e Filosofia da Ciência, Campinas, v. 10, 1986, pp. 5-20. Disponível em: <<https://www.cle.unicamp.br/eprints/index.php/cadernos/article/view/1220/1011>>. Acesso em: 13 mai. 2023.

DE MIGUEL, R. **Nuevo diccionario latino-espanol etimologico**. Leipzig: F. A. Brockhaus, 1867.

FAGGIONI, M. **Il transumanesimo: una sfida all'humanum**. Rivista Antonianum, S.l., v. 94, 2019, pp. 377-403. Disponível em: <https://www.academia.edu/39611555/IL_TRANSUMANESIMO_UNA_SFIDA_ALLHUMANUM>. Acesso em: 06 jun. 2023.

GOLDIM, J. R. **Caso: quimera camundongo-humana**. Bioética Complexa. Porto Alegre, 21 ago. 2004. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/bioetica/quimera.htm>>. Acesso em: 01 mai. 2023.

HYUN, I. **The bioethics of stem cell research and therapy**. The Journal of Clinical Investigation, S.l., v. 120, n. 1, 2010, pp. 71-75. Disponível em: <<https://www.jci.org/articles/view/40435>>. Acesso em: 01 mai. 2023.

KEPPE, N. R. **A consciência da inversão torna o ser humano saudável**. Stop a destruição do mundo, São Paulo, n° 75, ano VII, 2017, pp. 1-2. Disponível em: <stop.org.br/wp-content/uploads/2018/11/Jornal-STOP-a-Destruicao-do-Mundo-75.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2013.

_____. **A libertação**. São Paulo: Proton, 2017.

_____. **A libertação dos povos: a patologia do poder**. São Paulo: Proton, 1987.

_____. **A origem da sanidade**. São Paulo: Proton, 2001.

LIMA, J. L. P. **A divindade na alma no pensamento de Meister Eckhart e um diálogo com a psicanálise de N. Keppe**. 2020. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Universidade Federal do ABC, São Bernardo do Campo, 2020.

PACHECO, C. B. S. **ABC da trilogia analítica**. São Paulo: Proton: 2001.

PAN, J. R. A. **Poshumanismo: ¿utopía o distopía?** Reflexiones, Havana, v. 1, 2017, pp. 1-7. Disponível em: <http://www.cbioetica.org/descarga/reflex17_Poshumanismo-Utopia-o-Distopia.pdf>. Acesso em: 30 abril 2023.

PONA, E. W.; TESHIMA, M. **X-Men: da ficção à realidade?** Posicionamentos de sentinelas bioconservadoras. Revista de Informação Legislativa, Brasília, n. 205, ano 52, 2015, pp. 189-211. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/ril/edicoes/52/205/ril_v52_n205_p189.pdf>. Acesso em: 24 out 2023.

QUIRÓS, J. L. G. **La inteligencia artificial y la realidad restringida**: las estrecheces metafísicas de la tecnología. Naturaleza y Libertad. Revista de Estudios Interdisciplinarios, S.l., n. 12, 2019, pp. 127-158. Disponível em: <<https://revistas.uma.es/index.php/naturaleza-y-libertad/article/view/6271/5795>>. Acesso em 02 jun 2023.

SALZBERG, S. **Virologists object to any new restrictions on dangerous gain-of-function research**. Forbes, Nova Iorque, 06 fev. 2023. Disponível em: <<https://www.forbes.com/sites/stevensalzberg/2023/02/06/experts-recommend-new-limits-on-dangerous-gain-of-function-research-now-what/?sh=172acb6e21bd>>. Acesso em: 01 mai. 2023.

Recebido 07/06/2023

Aprovado 03/11/2023

Licença CC BY-NC 4.0

